

A representação da adolescência LGBTQIA+ no g1: a construção dos personagens¹

Pietra Carolina de Moraes LEITE²

Juliana DORETTO³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de investigar como a adolescência LGBTQIA+ é representada pelo portal de notícias g1. Temos como base teórica a compreensão de que os discursos sobre a homossexualidade na mídia a mostram como algo exótico, reforçando a hegemonia dos relacionamentos heterossexuais. O método empregado na investigação é a análise pragmática da narrativa jornalística (MOTTA, 2010), com foco na construção dos personagens. Entre os resultados obtidos, vimos que esses jovens costumam aparecer como vítimas, e, mesmo que sejam o foco da narrativa, suas histórias são narradas por adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; LGBTQIA+; sexualidade; representatividade; jornalismo.

ADOLESCÊNCIA LGBTQIA+

A concepção de adolescência surge somente no século XIX. Ela se dá como uma extensão da infância, uma prolongação, ou seja, um tempo a mais de preparação para esses sujeitos, para que assim estejam aptos a entrarem na vida adulta. Trata-se de uma etapa definida como “moratória social”, ou seja, uma espécie de limbo vivido por esses jovens (CALLIGARIS, 2000, p.17), já que são proibidos de tomar certas ações, consideradas próprias apenas dos adultos. O início dessa fase também é definido a partir da puberdade, em que o corpo da criança passa por mudanças físicas corporais significativas, com o amadurecimento dos órgãos reprodutores. Assim, o adolescente é maduro, fisicamente, mas a sociedade o considera imaturo para participar ativamente de alguns campos.

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo do CLC PUC-Campinas, email: pietra.cml@puccampinas.edu.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas, email: juliana.doretto@puc-campinas.edu.br

Entendemos ainda que adolescência é um período turbulento, de incertezas e intensas construções identitárias. Junto ao estresse elevado e potencializado pela explosão de hormônios, a descoberta e reconhecimento de que sua identidade de gênero e/ou orientação sexual provavelmente é diferente daquela da maioria dos que estão ao seu redor pode tornar-se um problema (MARCIANO, 2021, p. 15).

A autora Guacira Lopes Louro (2000) apresenta que o gênero é uma construção social que se ensina e se estabelece desde o nascimento dos sujeitos. Em síntese, a partir de uma determinação social, quando uma criança nasce com um órgão genital específico, ela é ensinada a agir da forma que corresponderia a um determinado gênero, como homem ou mulher e, ainda, é ensinada a se relacionar com o sexo oposto ao daquele com que ela nasceu.

Com isso, meninas são ensinadas a agirem de forma delicada e obediente e os meninos, a serem controlados e a conterem seus sentimentos. Ou seja, ser mulher ou ser homem influência de diferentes maneiras, toda a criação da criança, e também do adolescente, já que algumas atividades são destinadas às mulheres e outras aos homens. “O homem ‘de verdade’, nesse caso, deveria ser ponderado, provavelmente contido na expressão de seus sentimentos. Consequentemente, podemos supor que a expressão de emoções e o arrebatamento seriam considerados, em contraponto, características femininas” (LOURO, 2000, p. 17). Nesse processo, a autora nos lembra de que a fase escolar ganha destaque. “As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições [as escolas] têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual” (LOURO, 2000, p. 14).

A ideia de “diferença” se estabelece em relação a determinados padrões relacionados a questões culturais, morais, religiosas e políticas ditados por uma estrutura socialmente estabelecida e defendida como “normal”. Dessa forma, em relação à orientação sexual, tudo que foge ao padrão cisgênero heteronormativo tende a ser visto com maus olhos pela sociedade (FIORAVANTE, 2015, p. 5). Por isso, membros da comunidade LGBTQIA+⁴, que não se encaixam nesse padrão, foram e ainda são vítimas de preconceitos e estereótipos, que os impedem em alguns casos até de viver.

⁴ Cabe destacar que, na sigla “LGBTQIA+”: L: lésbicas, G: gays, B: bissexuais, T: travestis, transexuais e transgêneros, Q: *queer*, I: *intersex*, A: assexuais e o “+” é utilizado para incluir pessoas que não se sintam representadas por nenhuma das outras sete letras

Fioravante estudou cerca de 92 reportagens sobre crianças queer veiculadas em TV, Internet e jornais impressos, realizando assim o que ele chamou de “bricolagem de diferentes artefatos jornalísticos” (FIORAVANTE, 2015, p. 17), analisando esse material por meio de fichas de categorização. Em sua amostra, ele traz também conteúdos sobre crianças de 13 ou 14 anos, que nos interessa neste trabalho. Como resultados, percebeu que há uma grande lacuna na representação midiática da infância queer e que, além disso, há um estereótipo que atribui uma patologia para esses jovens, já que são mostrados como estranhos ou diferentes por fugirem do padrão heteronormativo e do binarismo. Por isso, segundo o autor, devem ser discutidas no jornalismo questões de gênero e sexualidade.

A ADOLESCÊNCIA LGBTQIA+ NO G1

Para compreender como um adolescente LGBT é representado no noticiário, vamos fazer uso da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2010). Trata-se de um método que busca entender como a história é contada por meio da narrativa jornalística, além de como os seus personagens são construídos, pelo autor do texto, e de que maneira os destinatários recebem as informações transmitidas pela imprensa.

A estruturação do *corpus* se iniciou em setembro de 2022, na construção do projeto, quando começaram a ser selecionadas as matérias para a análise. Selecionamos o site generalista g1. O portal, do grupo Globo, o maior conglomerado de mídia do Brasil, tem 15 anos de existência e atinge, segundo o próprio portal, 66 milhões de pessoas por mês. Nas suas redes sociais, tem mais de 30 milhões de seguidores. Tem cobertura nacional, com 52 redações em todos os estados do Brasil. A coleta se estendeu até janeiro de 2023, quando teve início a exploração do material a ser analisado e o tratamento dos resultados obtidos, bem como sua interpretação.

Nesse processo, foram encontradas apenas oito reportagens do primeiro veículo, todas correspondentes ao período do ano de 2021, conforme dito na introdução deste relatório. Esses textos foram encontrados por meio de pesquisas com as palavras-chave “adolescentes LGBT”; “adolescente homossexual”; “adolescência homossexual”; “adolescentes gay”, e “preconceito contra jovens LGBT”. Além de pesquisar de forma direta nos sites, foram realizadas buscas em uma aba do Google, com as mesmas

palavras-chave, a fim de encontrar mais reportagens, o que de fato aconteceu. Selecionamos assim todos os textos em que abordaram um adolescente LGBTQIA+ citado, ainda que não fosse o personagem principal da reportagem. Nota-se, assim, desde já, o pouco conteúdo sobre o tema.

Com as oito reportagens analisados pelo por g1, é possível mostrar que há falta de representatividade de adolescentes homossexuais na mídia e que a adolescência LGBT é retratada sobretudo a partir das violências sofridas, que pode vir de lugares próximos aos jovens, como família, escola e professores. Porém, percebe-se ainda que até mesmo pessoas públicas e com cargos importantes atacam os jovens homossexuais. Ademais, vimos que o protagonismo dos jovens na sua própria história não acontece: eles não são ouvidos, e, quando são, é necessário que outra pessoa afirme a sua história, com o intuito de reforçar o quanto aquele jovem sofreu, como se o relato dele não fosse o suficiente. O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) prevê que em casos de situações de vulnerabilidade social as identidades de crianças e adolescentes devem ser preservadas, mas nas reportagens analisadas não fica claro se o personagem foi procurado de fato, para poder contar a versão da sua própria história, caso quisesse, mesmo sem revelar seu nome.

A investigação continua e novos dados serão levantados e analisados, com a análise de outro veículo, o iGQueer. Até a presente data, percebe-se a necessidade de a imprensa oferecer representações plurais e positivas para a adolescência LGBT (tendo em vista a prevalência de sua imagem como vítima de violências), valorizando a sua realidade e suas opiniões.

REFERÊNCIAS

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

FIORAVANTE, Daniel. **Crianças queer e a representação na mídia brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) - Universidade Feevale, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARCIANO, J. **Abaixo à conspiração do silêncio!** A importância da representatividade na mídia para adolescentes LGBTQIA + e a utilização dessa representação como ferramenta de discussão em sala de aula. Trabalho de Conclusão de Curso (Arte-Teatro) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2021.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Niterói/RJ – 01 a 03/06/2023

MOTTA, Luiz G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.